A PRODUÇÃO DE TEXTOS E O TARÔ

Vera Cristina Rodrigues FEITOSA[1]

RESUMO
À luz da simbologia das oito primeiras cartas do Tarô – os oito primeiros arcanos maiores –, o processo de produção de textos é seccionado, propiciando uma compreensão abrangente e holística da atividade redacional. Ao mesmo tempo, as figuras estampadas nas cartas instigam ao autoconhecimento no exercício da atividade redacional, pois correspondem a arquétipos da psicologia junguiana. São, portanto, imagens primordiais, simbólicas, que operam na psique humana iluminando sentimentos, capacidades, habilidades correspondentes a cada estágio. A partir da libertação de amarras para a aventura do texto, com o Louco, inicia-se um caminho de sete estágios de experiências, cada um presidido por um arquétipo: a descoberta do desejo de comunicar, com o Mago; a atenção ao leitor, com a Sacerdotisa; a fertilidade criativa, com a Imperatriz; o logos, a razão e a ordem, com o Imperador; os ritos dos gêneros do discurso acadêmico, com o Hierofante; as escolhas discursivas e estilísticas, com o Enamorado; e os cuidados necessários à viagem do texto, com o Carro.

PALAVRAS-CHAVE: Produção de textos. Textos de trabalho. Etapas da produção. Conhecimento da atividade. Simbologia do Tarô.

ABSTRACT
In the light of the symbolism of the first eight Tarot cards – the first eight major arcana – the process of text production is sectioned; this approach provides a comprehensive and holistic understanding of writing activity. At the same time, the figures printed on the cards instigate self-knowledge in the exercise of editorial activity, since they correspond to archetypes of Jungian psychology. These are therefore primordial, symbolic images, which operate in the human psyche and illuminate feelings, abilities and skills that correspond to each phase. The journey of seven stages of experiences starts with the liberation for text adventure, with the Fool; each of them is chaired by an archetype: the discovery of desire to communicate, with the Magician; attention to the reader, with the Priestess; creative fertility, with the Empress; the logos, the reason and order, with the Emperor; the rites of genres in academic discourse, with the Hierophant; the discursive and stylistic choices, with the Lovers; and the necessary precautions to text journey with the Chariot.

KEYWORDS: Text prodution. Texts of work. Production stages. Activity knowledge. Symbolism of the Tarot.

[1] Doutora em Engenharia de Produção (Coppe/UFRJ), professora aposentada de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras (UFRJ), consultora da Escola de Textos.

ABRINDO O JOGO

Há uns doze anos, venho me valendo da simbologia das cartas do Tarô para ajudar alunos a desenvolverem suas dissertações ou teses. Tem dado muito certo: ainda não tive reclamações, ninguém pedindo seu tempo de volta. Pelo contrário, volta e meia encontro ex-alunos que relatam percepções como "O Louco mudou minha vida"; "O que mais valeu foi a Sacerdotisa: descobri o leitor". Vejam o que dizem os organizadores da coletânea de artigos de fim de curso da turma de 2011:

> O tarô nos acompanhou, abriu canais, tirou a caretice da sala de aula, sem prejudicar em nada o rigor exigido para a execução de um projeto acadêmico. As entidades das cartas, com seus simbolismos e significados, se tornaram aliados lúdicos, destravando ideias e libertando as palavras para a composição do texto. (CAMPOS et al., 2012)

A propósito, já de início devo frisar que o que vou relatar nada tem de esotérico, embora o trabalho que proponho com o texto não se resuma à utilização motivacional dos arquétipos do Tarô. A sequência das figuras das oito primeiras cartas, ou arcanos, nos permite seccionar o processo redacional com uma abrangência surpreendente e surpreendentemente holística: estágios e elementos se expõem em sua singularidade e, ao mesmo tempo, em sua relação com o todo. Como o melhor dos métodos...

Os arquétipos do Tarô são também um eficiente instrumento de autoconhecimento: ajudam-nos a nos questionar, a relembrar episódios adormecidos, estabelecendo relações antes insuspeitadas. Na psicologia junguiana, arquétipos são imagens primordiais, simbólicas, que operam na psique humana. Assim, nesta leitura, cada arcano ilumina sentimentos, capacidades, habilidades, comportamentos relacionados àquela etapa do processo de produção, levando o aluno a se ver e a se conhecer no exercício de atividades de escrita, e a conhecer melhor o trabalho de produção de textos.

A VIDA E OS ESCRITOS

"Tudo o que somos, temos, realizamos ou desejamos realizar deve estar legitimado pela palavra escrita", ensina Garcez (2001, p. 7-8). De fato, a comunicação escrita domina, inexoravelmente, nosso mundo dito civilizado. Se nosso nascimento não está registrado num documento, para muitos efeitos, não existimos. E assim vai, por toda a vida, com projetos, artigos, normas, resumos, comunicados, convocações etc.

No entanto, a maioria das pessoas chega ao mundo do trabalho com experiência bastante limitada em comunicação escrita. Na formação acadêmica de quase todas as profissões, fica uma lacuna: o conhecimento prático e teórico dos tipos de texto que farão parte das atividades de trabalho. E as

organizações onde essas pessoas vão trabalhar também falham no (re)conhecimento dos textos que nelas são produzidos e consumidos. Resultado: pessoas aflitas e textos que não atingem seus objetivos.

PÉ NA ESTRADA

Acho que só alguns profissionais do texto se sentam diante do computador e "vapt-vupt", lá brotam as ideias em frases, as frases desdobrando-se em parágrafos, assim naturalmente, sem esforço maior, como é o ato de respirar para nós, pobres mortais. Mas, possivelmente, eles dirão: "Nada disso, nós sofremos também, a tarefa é pesada!"

Pôr o pé na estrada exige soltar amarras. E isso é mandatório quando escrever é parte de nosso trabalho. Artigos, teses, projetos, relatórios, cartas ou *e-mails*, normas, procedimentos e tantos outros gêneros do discurso acompanham as práticas cotidianas de trabalho de muita gente e, não raro, são a parte mais torturante dessas práticas.

A verdade é que há mitos envolvendo – e bloqueando – a atividade de produzir textos, sobretudo textos de trabalho. "Para escrever é preciso ter dom", "Português é uma língua muito difícil", "Só sabendo muita gramática se pode falar e escrever bem" são assertivas que participam da extensa e equivocada "mitologia" sobre o escrever e sobre a língua portuguesa (Bagno, 2003). E, além desses mitos, há os medos... Há muito mais gente sofrendo para escrever – ou sofrendo por não escrever – do que feliz com seus escritos, e é justamente esse prazer que precisamos resgatar.

Para ajudar a desconstruir mitos, enfrentar medos e (re)descobrir prazeres, está entrando aqui um personagem que reúne em si características e predicados de quem, feliz e sem bloqueios, põe o pé na estrada com cara de "tô-nem-aí". Neste momento, ele vai ser nosso mestre – embora essa ideia de ser mestre nada tenha a ver com ele.

LIÇÕES DO LOUCO

Eis o Louco, o indefinido, esse andarilho ubíquo, livre para aparecer em qualquer lugar, nos pegar de surpresa, perturbar, com suas travessuras, a ordem estabelecida. Perambula, livre, leve, alegre, sem pensar em chegadas, sem qualquer objetivo, numa incansável busca de coisa nenhuma. Para ele, a vida é só experimento. Ensina-nos que quem não tem destino traçado nunca poderá se perder. Nosso Louco, em sua jornada de transformação, passará pelas 21 figuras arquetípicas do Tarô, estágios necessários para sua

individuação. Seu número é o zero, que, nada sendo, pode vir a ser tudo. É o ovo, são as potencialidades, os mistérios do devir. Tem também forma de ovo o embornal em que ele, displicente, carrega suas experiências. O Louco nada teme, pois não conhece riscos, não planeja nem prevê. É puro instinto. Por isso, precisamos cuidar de nosso Louco, manter um bom relacionamento com ele; afinal, quase sempre bem escondido dentro de nós, ele está pronto para nos pregar peças. Ninguém pode ser verdadeiramente são se não recuperar sua criança interior.

O PRIMEIRO SETENÁRIO

Antes de começar a jornada do texto, vale uma breve descrição do Tarô; afinal, o jogo não é tão conhecido assim! O Tarô se compõe de 78 cartas, ou lâminas: 22 arcanos maiores e 56 arcanos menores, estes últimos mais utilizados para práticas divinatórias. Só vamos trabalhar aqui com o Louco e os sete primeiros arcanos maiores, ou seja, com o primeiro setenário, assim composto: **Mago** (arcano 1), **Sacerdotisa** (arcano 2), **Imperatriz** (arcano 3), **Imperador** (arcano 4), **Hierofante** (arcano 5), **Enamorado** (arcano 6) e **Carro** (arcano 7).

VOLTANDO AO LOUCO: OS MEDOS

A primeira providência é aceitar que escrever implica riscos, é entregar nossos medos a nosso Louco interior. Quando escrevemos, nos expomos, e nem sempre o prazer de comunicar, de interagir, supera o medo desse risco. Muitas vezes os pretextos para não escrever – falta de tempo, de espaço adequado, excesso de tarefas – são uma negação de um medo que não queremos admitir. Mas se é o medo que nos bloqueia, temos de conhecer a cara do vilão, para não ficarmos reféns dele.

No geral, as pessoas "sabem", de antemão, que terão dificuldades ao produzir textos. Entram no processo já meio derrotadas – isso quando entram –, pensando que não vão vencer o desafio da página em branco; que não têm coisas importantes a dizer; que é muito difícil pôr o pensamento em palavras; que não

saberão dar ao texto uma boa organização; que vão cometer fatídicos e vergonhosos erros de português etc. E o medo emperra qualquer movimento criativo.

UM EXERCÍCIO DE SADIA LOUCURA

Uma boa maneira de sair andando no texto é experimentar o exercício que descrevo a seguir. Trata-se de uma espécie de "ditado silencioso": enuncio um início de frase, e os alunos devem completar com o que lhes vier à cabeça. Por exemplo: *Quero estudar.../ Neste estudo examino.../ Neste relato vou enfocar...* Já tenho preparado um "baralho" de elos coesivos, que serão as placas de sinalização do Louco (cf. Quadro 1). Elas devem ser sorteadas, uma após a outra, com intervalos de cerca de um minuto.

Quadro 1: Placas da Sinalização do Louco

aliás	por outro lado	assim	quanto a	de fato
por isso	isso porque	afinal	no entanto	tanto que
recentemente	ou seja	prova disso	portanto	seja qual for
mesmo assim	apesar disso	como decorrência	a princípio	até porque
paralelamente	não raro	de acordo com	no intuito de	na verdade
por exemplo	a propósito	enfim	à medida que	em suma

Sorteio a primeira, por exemplo *por outro lado*, e os alunos completam a frase com o que lhes vier à cabeça. Abro outra placa, que pode ser *mesmo assim*, ou *isso porque*, ou *de fato*, ou *tanto que* etc., e eles continuam a completar as sentenças, sempre com o limite de tempo. Assim, vou abrindo placas, até sair a que diz *em suma*. Confesso: se o *em suma* sai logo no início ou demora demais, faço uma pequena trapaça, bem à moda do Louco!

O resultado do exercício costuma ser bem interessante, às vezes divertido. Muitos se espantam por ter conseguido um texto "redondinho" e com boas ideias em tão pouco tempo. Transcrevo abaixo a experiência de uma aluna.

> **Quero estudar** acessibilidade no Museu Nacional da UFRJ; **prova disso** é que estou cursando a Pós-graduação em Engenharia de Produção e já me aproximei da instituição procurando entender seu funcionamento, dificuldades e necessidades. **Quanto ao** tema escolhido, tenho profundo interesse e empatia, pois pensar que de alguma forma meu trabalho possa vir a ajudar parte da sociedade que historicamente é excluída é muito gratificante. **Mesmo assim**, às vezes me parece que esse tema já foi muito explorado. **Recentemente** descobri que, quando se trata de acessibilidade, normalmente escolhe-se apenas uma deficiência a ser tratada. **Ou seja**, como tenho a pretensão de tratar o assunto acessibilidade de uma forma ampla, descobrindo formas de inclusão de pessoas com deficiências definitivas ou provisórias ao ambiente museal, penso poder abordar o tema escolhido por outro ponto de vista. **Em suma**, ao escolher um assunto que me dá prazer em estudar, tenho certeza que o caminho de minha pós-graduação será trilhado com grande alegria, e espero que o resultado de meus estudos e pesquisas promova a inclusão plena, que é meu objetivo desde o início.

DESAPEGO

Uma das mais sábias lições do Louco é o desapego. Se quisermos viver e escrever com leveza e prazer, temos de correr atrás dessa característica. Quando nos desapegamos daquilo que escrevemos, os ajustes sugeridos e as críticas que recebemos não doem: eles se direcionam ao texto, não a nós. São contribuições, são bem-vindas. No lado oposto ao do desapego, está o perigoso perfeccionismo. Certa dose de humildade é ótimo remédio. Não vou deixar de escrever meu texto porque o quero perfeito: vou fazer o que posso; o melhor que posso, sem perder o prazer da atividade.

ESTÁGIO 1: A ATENÇÃO AO DESEJO

Já furamos bloqueios, soltamos amarras. No flanar de nosso Louco, passaremos por sete estações do caminho em que desenvolveremos habilidades relacionadas às figuras arquetípicas estampadas nas cartas, num processo semelhante ao que Jung conceitua como individuação: desenvolvimento de potencialidades, ampliação da consciência e busca de conhecimento em que a pessoa vai saindo do estado infantil, de busca de identificação, para tornar-se *ela mesma*, com personalidade individual, singular, mas com participação intensa nas relações coletivas. No caminho aqui proposto, estaremos na busca constante de nossa individuação como autores.

Em tempo: vamos guardar numa pasta, num arquivo... num embornal, como o do Louco, experimentos, achados, resultados de reflexões.

LIÇÕES DO MAGO

No percurso inaugurado pelo Louco, surge o Mago. Parado na encruzilhada diante de sua mesa, onde depositou os instrumentos do espetáculo, dirige a atenção para os passantes. Com sua varinha na mão, lembra um maestro – concentra as energias, humanizando-as, e as dirige, para que não se percam. Não é um amador, como o Louco. É um profissional, um artista sério, preocupado com o sucesso de sua apresentação. Por isso, busca contato com seus desejos, quer descobrir o princípio criativo, manipular a natureza, domesticar suas energias. O verbo do Mago é querer; sua lei, a Vontade. O 1 é a fonte manifesta, princípio masculino, ativo, é o primeiro de todos os números, o princípio do movimento, da vida. É a centelha que dá início. O conceito de 1 instaura o "outro", o 2, o *yin*, princípio feminino, passivo, receptivo. Mas, sem o 2, o 1 não existe – e vice-versa. Em sua mão e sobre sua mesa estão objetos que simbolizam os quatro elementos – o bastão (fogo), a moeda (terra), a taça (água) e a lâmina (ar). Fazendo-os desaparecer ou se transformar, o Prestidigitador às vezes nos engana, mas sempre nos atrai. Mas, ele sabe, nenhum de seus instrumentos é mais potente em persuasão e fascínio que as palavras.

PARA QUE ESCREVER?

Deixemos de lado finalidades como "para obter um título", "para ganhar pontos no currículo", "para cumprir uma tarefa". A energia que delas vem, no geral, é insuficiente para uma boa aventura. Assim como o Mago – que, quando pega a batuta, tem planos em relação a seu público –, também nós devemos tê-los em relação a nossos futuros leitores. Podem ser planos de:

- Fazer saber: interferir no sistema de conhecimentos do outro. A partir dessa intenção, produzimos textos informativos. *Alimentos como a batata, o tomate, o pimentão, o morango recebem altas doses de agrotóxicos.*
- Fazer pensar: atuar no sistema de opiniões e crenças do interlocutor, para reafirmá-las ou para modificá-las. Vêm daí os elementos persuasivos dos textos.
- *Poucos se dão conta de que, ao ingerir alimentos comuns como a batata, o tomate, o pimentão, o morango, recebem doses cavalares de agrotóxicos."*

- Fazer agir: provocar a transformação necessária para que o interlocutor se lance à ação que dele pretendemos. *Se você não quer envenenar sua família com o alto teor de agrotóxico da batata, do tomate, do pimentão, do morango, compre alimentos orgânicos: é melhor do que gastar na farmácia.*

Ora, podemos ter planos que envolvam essas três dimensões. O que importa é reconhecer nossa intenção e ter controle dos efeitos discursivos que, às vezes sem querer, causamos. Nada é rígido na banca do Mago: o lenço, de repente, vira flor.

O MAGO, DESCOBRIDOR DE DESEJOS

Assim, um dos primeiros passos – ou passes – é tirar de dentro da cartola nossos desejos. Se não tivermos uma vontade bem definida, dificilmente o texto caminhará. Para (re)conhecer o fogo inicial – o desejo de mergulhar na aventura – pedimos ao Louco que nos empreste seu exercício da Sinalização. Com ele, faremos a Sinalização do Mago, usando apenas marcadores que indiquem vontade: *Com este estudo (esta pesquisa, minha tese/dissertação, este relatório) sobre..., pretendo..., com o objetivo de..., visando a ..., para que..., a fim de que..., com o propósito de...., para, enfim, ...* Chegaremos a boas e novas ideias se o racional não embotar a mágica da intuição.

OS INÍCIOS: LUGAR DO MAGO

Como o Mago é o arcano de número 1, ele nos convida a cuidar dos inícios. Não devemos dispensar o Mago, com mesinha e tudo, escrevendo inícios como *Este artigo tem a finalidade de levantar dados e estudar as implicações de...* Os inícios são fundamentais para ganhar e manter a atenção do leitor. O Mago nos ensina a caprichar nos textos introdutórios, nos inícios de capítulos, de parágrafos e até de frases.

É também nos inícios que nosso Mago nos guia a utilizar estratégias de persuasão, como recompensa, castigo, sedução, provocação (FIORIN, 1989). Com elas, temos melhores chances de ganhar a atenção do leitor para nosso texto. Porém, a persuasão deve ser sutil, como neste início, em que há provocação: *Apesar do grande número de organizações sociais existentes hoje no Brasil, poucas mudanças ocorreram nos indicadores sociais*. Ou neste, de recompensa: *No cenário atual, progride quem estabelece o diálogo entre as demandas da sociedade e a proposta de educação técnica*.

UM MAGO OBJETIVO

De seu lugar no início do caminho, o Mago olha para o futuro. São muitas as maneiras de nomear seu querer: objetivo, alvo, meta, fim, propósito, intuito, finalidade, desejo, pretensão, aspiração, anseio, fito, intento... Em sua mesinha, estão representados três elementos da natureza: água (taças); ar (espadas); terra (moedas). O bastão, que simboliza o seu elemento, o fogo, está firme em sua mão. Com eles, vai nos ajudar a moldar objetivos para nossos textos e a conhecer melhor nossos desejos.

Relacionam-se a água – domínio dos sentimentos, dos afetos, das emoções, dos relacionamentos, dos valores – verbos como sensibilizar, comover, emocionar; reconhecer ou suscitar sentimentos; infundir, inspirar, internalizar valores, valorizar etc. Objetivos água tocam os sentimentos e os valores do leitor: *Infundir no jovem o reconhecimento de sua importância como cidadão e como sujeito de sua história*.

Ar se relaciona a ideias, conceitos, processos cognitivos de conhecimento e de compreensão: classificar, compreender, conceituar, conhecer, criar, entender, idealizar, identificar, imaginar, perceber, reconhecer, relacionar, saber, supor etc. são verbos do elemento ar. *Desenvolver o entendimento de que a conquista dos direitos sociais – particularmente sobre o trabalho – é fruto de lutas históricas dos trabalhadores.*

Finalmente, o elemento terra, dos objetivos práticos, realistas: compor, construir, desenvolver, documentar, elaborar, especificar, esquematizar, estruturar, formular, hierarquizar, integrar, operar, organizar, praticar, produzir, promover, propor, relacionar, reunir, selecionar, sintetizar, solucionar, viabilizar etc. *Viabilizar o acesso às informações sobre direitos de inserção no mundo do trabalho*.

A HISTÓRIA COMEÇA

Costumo trazer inícios de publicações para a sala de aula e fazer esta pergunta: Qual deles convida você à leitura? Um início tem sido considerado dos mais atrativos:

> Produzir textos é uma atividade extremamente necessária tanto na vida escolar como na vida profissional e no dia a dia. Entretanto, no meu cotidiano docente, tenho encontrado alunos, jovens e adultos já formados, ansiosos, assustados, desencorajados, e, principalmente, desorientados quanto às habilidades e atitudes necessárias ao convívio mais natural e simples com a escrita. (GARCEZ, 2001, p XIII).

Com simplicidade, a autora "ganha" os leitores mostrando que conhece muito bem o que aflige grande parte das pessoas que precisam escrever. Ora, se ela conhece o mal, possivelmente pode ajudar na cura... O leitor entende isso como uma promessa, uma recompensa para os que se fizerem leitores do texto.

ESTÁGIO 2: A ATENÇÃO AO OUTRO

O que é, para você, escrever bem? A resposta a essa pergunta, no mais das vezes, remete para qualidades intrínsecas ao texto: ter linguagem correta, concisão, boa organização estrutural. Mas a resposta capaz de sintetizar e superar todas as outras possivelmente é esta: **escrever bem é conquistar o leitor**. O texto só se completa no encontro com o leitor, quando ele aceita participar do diálogo proposto. Sem a leitura, a página escrita não se faz texto, não se abre em sentidos. Agora, a Sacerdotisa, com sua infinita capacidade de escuta e de compreensão, nos coloca outro desafio: mergulhar fundo nos desejos, anseios e temores do Outro, do nosso leitor.

LIÇÕES DA SACERDOTISA

O Mago, sem público, não comunica, não persuade nem ilude. Não pode ser Mago. O 1, sozinho, nada é, nada cria. Esse é o ensinamento primeiro da Sacerdotisa, a expressão maior do seu saber intuitivo: tudo é dual, ambivalente, paradoxal. A unidade se faz com a luz e a sombra; a vida e a morte são um só todo. É na interação complementar autor-leitor que o texto se faz texto. A Sacerdotisa é o princípio feminino, a paciência persistente e amorosa, a poderosa ação de quem não se quer mostrar nem precisa se afirmar em disputas. Afinal, quem está sempre em ação não pode refletir sobre os ensinamentos da ação. Saber é seu verbo; a Atração, a sua lei. Representa o que não é revelado, o mistério. Tudo ela atrai para sua misteriosa rede, tudo ela processa num trabalho interno, inconsciente, emocional, recôndito. Está sempre atenta: todos os seus sentidos perscrutando o que acontece à sua volta. Por isso mesmo, sabe como ninguém se ver no lugar do outro e imaginar como o outro a vê quando ela o está vendo...

A CONQUISTA DO OUTRO

O olhar para o outro é, para nós, uma inestimável oportunidade de crescimento. A Sacerdotisa nos ensina a desenvolver a empatia, a trazer o outro para dentro de nós e "conversar" com ele. A situação de produção de um texto se transforma, pois passamos a ter nosso futuro leitor, ou conjunto de leitores, participando da atividade de redigir.

Decifra-me ou te devoro! Primeiro passo na resolução do enigma: assumir que nosso texto terá leitor e definir quem será ele. Isso pode parecer óbvio, banal, mas a descoberta de que há leitor é para alguns o

aprendizado mais importante em relação à produção de textos. Porém, nessa dança, não basta escolher o parceiro: sem conhecê-lo, sem decifrar seus enigmas, falhas de comunicação encontram portas abertas.

É bem verdade que monografias, dissertações, teses serão obrigatoriamente lidas pelo professor orientador e pela banca examinadora, uma vez que fazem parte dos requisitos para a obtenção de graus do mundo acadêmico. Mas não é a esse tipo de leitor que estou me referindo. Para o texto fluir bem, a pessoa com quem desejamos conversar não pode ser uma figura que nos vai julgar, avaliar. A Sacerdotisa representa nosso leitor ideal, aquele que estimula em nós o desejo de comunicar. Trazer o ritual acadêmico para o texto não é de sua alçada: fica para o Hierofante, no estágio 5.

Uma boa estratégia para encontrar nosso leitor é imaginar vários leitores diferentes e fazer, com cada um deles, uma "entrevista" imaginária, formulando perguntas sobre conteúdos de interesse, grau de conhecimento do assunto, formas de abordagem, utilização possível do texto, expectativas em relação a estilo etc. Veremos que, para satisfazer a esses diferentes leitores, só escrevendo textos diferentes.

AS JUSTIFICATIVAS DA SACERDOTISA NA MESINHA DO MAGO

As justificativas são forte elemento de convencimento e persuasão; por isso, elas são do domínio da Sacerdotisa e devem ser formuladas em consonância com os valores e as expectativas do leitor. Nossos desejos de autores devem se "casar" com os desejos dos leitores, para que nossos objetivos de autores se cumpram.

Uma diferença crucial entre as justificativas e os objetivos é que as primeiras se inscrevem no presente e no passado, apontando lacunas e oportunidades, ao passo que os objetivos – e, não é à toa que se relacionam ao Mago – são traçados para o futuro.

Para trabalhar as justificativas de nossos textos, podemos mais uma vez nos valer dos elementos da mesinha do Mago, transformando as que são de natureza água em outras relacionadas a ar ou terra e vice-versa. Observaremos, assim, o tema ou problema de diferentes perspectivas. Vejamos alguns exemplos:

Justificativas ar: *O tema x é pouco estudado na perspectiva proposta; Os estudos sobre conservação e biodiversidade tendem a só focalizar dados quantitativos.*

Justificativas água: *Há milhares de jovens em situação de vulnerabilidade social; Todo cidadão tem direito ao trabalho e a viver entre os seus.*

Justificativas terra: *As vagas na pré-escola são insuficientes para atender à demanda da região; As estradas vicinais estão em péssimo estado de conservação.*

OLHOS PARA LER, OUVIDOS PARA ESCUTAR

A Sacerdotisa, com seu livro aberto, nos diz também que muito já foi pensado e escrito sobre o assunto que estudamos. Ela nos ensina que escrever bem exige ler muito, para nos inteirarmos do que já foi dito, para descobrir, através da leitura de textos congêneres, como vamos compor nosso texto. A tese, a dissertação, a monografia, o artigo, o projeto são construídos sobre o alicerce de muitos outros textos que, por sua vez, tiveram por base outros tantos, e assim por diante. Ela nos aconselha a copiar *ipsis litteris*, no nosso arquivo embornal, os trechos que nos interessam, para que mais tarde possamos citá-los, com todos os dados bibliográficos, incluindo as páginas.

ESTÁGIO 3: A FORÇA CRIATIVA

Estão aqui a Sacerdotisa e a Imperatriz. Num pequeno filme imaginário, da esquerda para a direita, podemos assistir ao desabrochar: os braços, antes fechados, se abrem, num gesto de sociabilidade; os cabelos se desprendem da tiara rígida: ficam soltos, libertos, enfeitados com uma coroa também aberta; em vez dos véus da misteriosa Sacerdotisa, asas para voar. O hábito de monja é abandonado e, em lugar do livro sisudo, o escudo com a gloriosa águia. A mulher se mostra em sua plenitude.

LIÇÕES DA IMPERATRIZ

O Mago e a Sacerdotisa cumpriram sua missão, e é a Imperatriz quem, ousada, nutre e revela os frutos dessa união. Ela proclama a fertilidade do amor, força regeneradora, ao ligar *yang* e *yin*, espírito e carne, céu e terra. Com ela, tudo toma corpo, ganha forma e chega ao mundo sensorial. Sua lei é a Vibração; seu verbo, ousar. A força criativa da intuição está em seu auge. A Grande Rainha segura displicente o cetro: ela governa com o coração. Seu poder é o amor. Suas razões, a razão muitas vezes não compreende. A Imperatriz ativa nossa sensibilidade artística, criativa, impele-nos a buscar todas as manifestações da beleza.

As ideias nos vêm, generosas, pois nada em seu reino é escasso, contido. "Gente é para brilhar, gente quer luzir", muito bem disse Caetano Veloso. E esse brilho vem da força criativa, do potencial que precisamos desenvolver para viver melhor no mundo. Nossa Imperatriz nos quer criativos, reluzentes, admirados, parceiros do prazer. Nos quer ousados, cheios de entusiasmo e autoestima.

A PESSOA CRIATIVA

Algumas perguntas ajudam a ver se estamos bem de criatividade em relação ao texto que estamos escrevendo. Por exemplo: Minha curiosidade sobre o assunto do texto está me levando à busca de novas informações? Minha motivação para escrever vem de dentro, ou é como a cenoura que faz o coelho correr atrás? O tema me entusiasma?

Além da curiosidade, da motivação intrínseca e do entusiasmo, são também características da pessoa criativa a predisposição a correr riscos, a perseverança diante de obstáculos, a tolerância com diferenças, a abertura para experiências, a coragem para expressar novas ideias, a autoconfiança, a autoestima. Costumo pedir aos alunos que façam um pequeno texto intitulado *Como me vejo no espelho da criatividade*. Transcrevo a seguir meu preferido:

- Espelho, espelho meu, existe alguém menos criativa do que eu?
- Sim, mestra, todas as amebas do mundo.
- Mas espelho, mesmo a ameba é capaz de ser múltipla, dividindo-se em várias! Ademais, amebas não são pessoas.
- Ora, Milady, neste caso devo responder que não.

E decidiu ela mesma comer a maçã envenenada.

TRAZER IDEIAS À LUZ

Quando chegamos à Imperatriz, já crescemos como pessoas e como autores, com as lições do Mago e da Sacerdotisa. Entendemos melhor o que queremos da vida e do texto, conhecemos o leitor, seus desejos, os desejos que temos em comum. Com a Imperatriz, nos sentimos grávidos de ideias, conscientes de nossa força criativa.

As ideias ou estão no ambiente ou se produzem dentro de nós. Muitas das que estavam no ambiente já colhemos, movidos pela sede de saber de nossa Sacerdotisa. Agora chegou o momento de encontrar dentro de nós e trazer à luz as muitas ideias contidas e escondidas, que virão enriquecer nosso embornal. Para isso, as principais ferramentas que utilizo em sala baseiam-se, sobretudo, no raciocínio indutivo e no dedutivo. Só

vou tratar aqui das que chamo Série de perguntas e Conversa telefônica. Também trabalho com *brainstorming*, técnica bastante conhecida, e com mapas mentais, que estão bem explicados em *sites* especializados.

SÉRIE DE PERGUNTAS

Se tivermos forte convicção sobre o tema em estudo, devemos traduzi-la numa frase maga e responder a algumas perguntas. Podemos assim dar consistência e abrangência às nossas ideias, descobrir e reforçar argumentos. Mas, para manter o foco, sem digressões, é preciso sempre responder partindo da assertiva inicial, que responde à pergunta *O quê*? É ela a frase que nos impulsiona para a comunicação, proclamando a ideia que queríamos que os leitores conhecessem e com ela concordassem. A partir de cada pergunta, devemos registrar todas as ideias que vierem, mesmo que pareçam bizarras ou que se repitam em outras respostas. Um exemplo:

O quê? *A obesidade tornou-se um problema de saúde pública.*

Quem? Que personalidades, grupos sociais, associações de classe, categorias profissionais, entidades, setores governamentais etc. se unem à minha voz e defendem ou defenderiam essa ideia? Em outras palavras, quem são os outros sujeitos desse enunciado? *Nutricionistas, formuladores de políticas públicas, organizações sociais, estudiosos do desenvolvimento local, líderes comunitários...*

A quem? A quem – pessoas, comunidades, organizações etc. – a ideia, o cuidado, a medida pode afetar direta ou indiretamente, favorável ou desfavoravelmente?

Onde? Aqui cabe uma varredura em todas as dimensões de espaço relacionáveis à assertiva inicial: na casa, no bairro, na cidade, no país, no mundo; nos setores e departamentos de uma empresa; no chão de fábrica, na central de atendimento etc.

Quando? A dimensão temporal do enunciado: das frações de segundo à eternidade; o ontem, o hoje, o amanhã; o antes, o durante, o após, o concomitante etc.

Por quê? Esse é o espaço das justificativas: situações a serem modificadas, lacunas em conhecimentos, valores desprezados, oportunidades a aproveitar.

Para quê? A que se quer chegar com a assertiva inicial? As transformações, os resultados que podem ser obtidos com sua aplicação, sua realização.

Como? Os métodos, técnicas, estratégias, táticas.

Quais as condições? Os condicionantes físicos, psíquicos, cognitivos que possibilitarão que as coisas aconteçam; as situações favoráveis, os eventos propícios.

Quais as consequências? Os efeitos colaterais que se podem vislumbrar, para além dos resultados imediatos.

Apesar de quê? O difícil, o negativo, o problemático. Normalmente aqui estão os argumentos dos "adversários" de nossa ideia. É fundamental procurar conhecê-los, em detalhes. Uma das mais potentes estratégias de comunicação é o "sim, mas", em que concordamos com o argumento do oponente para desconstruí-lo em seguida.

Ao final da série, você poderá fazer digressões conscientes, transformar em assertiva inicial respostas dadas e refazer a série, integralmente ou em parte.

CONVERSA TELEFÔNICA

Para fazer um texto coeso e "redondo" em muito pouco tempo, podemos simular uma conversa telefônica (MURRAY, 1969). A técnica relaciona-se ao Mago: a novidade deve vir logo no início, para conquistar a atenção do leitor. Em seis ou sete minutos, podemos escrever algo como um resumo de comunicação para congresso.

De início, mentalizamos o leitor – o interlocutor na conversa telefônica – e também o assunto de que vamos tratar. Em sala, faço cada pergunta como se estivesse ao telefone, dando um intervalo de cerca de um minuto para que os alunos anotem, uma a uma, as respostas que lhes vierem à cabeça. Não vale ficar parado, pensando!

Qual a novidade? (o que você tem a me dizer de interessante?); *Por quê*? (por que é/foi assim, por que você agiu/pensa assim?) *Como*? (Como você chegou a essa conclusão, a esse resultado?) *E agora*? (O que você sugere como desdobramento?)

Ao fim, os alunos têm mais uns três minutos para passar a limpo o texto, tirando fora as perguntas que fiz. Se for para fazer um texto de maior fôlego, cada frase do texto resultante da Conversa telefônica pode se abrir em outros e mais outros subtemas.

ESTÁGIO 4: A RAZÃO E A ORDEM

O Louco não nos quer paralisados por mitos e medos. Já marcou nosso encontro com o Imperador, arquétipo da razão e da ordem, obstinado em realizar. Grande estrategista, ele nos mostrará o que fazer para atingir os objetivos já traçados.

LIÇÕES DO IMPERADOR

Sentado em seu sólido trono, as pernas cruzadas em forma de 4, o poderoso Imperador vem estabelecer a ordem no reino da Imperatriz, marcando o início do mundo patriarcal. Conservador, volta-se para trás, para o passado, e nos apresenta o lado esquerdo de sua face: sua força está no hemisfério cerebral esquerdo, de energia *yang.* Era preciso que ele viesse trazendo o logos, a organização, a hierarquia, o comando. Pai e defensor da civilização, ele é a autoridade, o administrador imbuído de consciência social e espírito comunitário. Sob seu domínio, o homem encontra lugar para erguer sua casa, pode construir sua família e seu lar, relacionar-se com outras pessoas, ter vida comunitária nas aldeias e cidades. Protege todos os seres de seu reino, legisla e governa com justiça e equilíbrio. Seu verbo é fazer, sua lei é a Realização. Com seu poder de nomear, instaura a linguagem, linear e lógica. O princípio da razão se impõe, dominador, sobre a natureza inconsciente. Nossos pensamentos e energias se voltam para a realidade, e passamos a ter senso prático. Ele olha para a Imperatriz, com quem compõe o par real. Os dois se complementam: ela é a ideia, ele a invenção; ela, o amor, ele, a razão; ela, a arte, ele, a ciência. Seguro de seu poder, o Imperador comanda sem armadura: seu reinado é sólido, bem fundado, de paz.

ROTEIRO DE VIAGEM

O Imperador se espanta com a insensatez de quem quer empreender uma viagem sem ter sequer um roteiro. Para ele, não se pode viver sem planejamento, sem organização, sem senso lógico. A essa altura do processo, com nosso embornal já cheio de ideias, precisávamos mesmo do Grande Pai, para ações como selecionar, hierarquizar, planejar, desenhar estratégias. Para traçar o roteiro, nos perguntamos: *Quem é o leitor*? *Qual a informação mais importante para ele*? A partir daí, vamos buscar no arsenal de ideias em nosso embornal tudo o que pode se articular numa "espinha dorsal", que responda à necessidade do leitor. Um bom exercício é escolher três ou quatro leitores distintos e selecionar, para cada um, um conjunto de conteúdos.

Da seleção dos conteúdos, passamos à sua hierarquização. Teremos de mobilizar capacidades e habilidades para nomear conceitos e coisas, reconhecer o que é abstrato e o que é concreto, o que é geral e o que é particular, as relações de pertinência e de causalidade, a fim de organizar as ideias em bases lógicas. É preciso estar consciente do teor de generalização ou particularização das escolhas feitas. Não importa se é do geral para o particular, ou ao contrário. Importa, sim, que saibamos o que estamos fazendo.

Vem o Mago nos lembrar de que, para o início do roteiro, devemos programar conteúdos que possam ser muito importantes para o leitor ou que possam surpreendê-lo. O primeiro capítulo, o primeiro parágrafo, a primeira frase devem transmitir uma mensagem como esta: *Leia, que você vai gostar; são coisas importantes para você*.

Com os três ou quatro conjuntos selecionados, vamos hierarquizar os conteúdos e organizar roteiros diferentes, que atendam aos três ou quatro leitores distintos, com seus interesses diversos, diferentes situações de leitura ou de utilização do texto. Como numa viagem turística, um dos roteiros vai nos agradar mais, pois nele desejos do Mago e da Sacerdotisa se encontram. Algumas dicas para a montagem do roteiro: não pode haver item 1, se não houver item 2; sem 3.2, nada de 3.1; a numeração das partes, itens e subitens é sempre em arábicos, sem mistura de letras ou de algarismos romanos; não pode haver título ou subtítulo sem texto correspondente.

Para fazer um roteiro, podemos também usar as ideias geradas no exercício Série de perguntas. Por exemplo: *Apesar de quê*? Nesse caso, aplicamos o "sim, mas". A seção seguinte traria, por exemplo, os *porquês*; a subsequente, as dimensões de tempo (*Quando?*) e de espaço (*Onde?*) e assim por diante. Com um roteiro já bem definido, resumimos o que pretendemos escrever em cada item e subitem. Assim, testamos o roteiro, que receberá as modificações, e damos um bom impulso no desenvolvimento do texto. Ao fim, o que foi roteiro – guia para a escrita – se transforma no **sumário**, guia para a leitura e peça-chave para que o leitor escolha para ler, entre tantos textos, o nosso.

DA MACROESTRUTURA À MICROESTRUTURA

O Imperador nos deu, com o logos, capacidades como nomear, classificar, definir, argumentar, hierarquizar. Em troca, exige estruturação e gramaticalidade. Só assim poderemos atingir valores que lhe são caros, como a coerência e a clareza.

Seguindo sua organização, passamos da macroestrutura do texto – roteiro/sumário – para o exame da estrutura dos parágrafos. No entanto, ele quer mais que texto e parágrafos bem estruturados. Quer frases completas e bem formadas, odeia ambiguidades, encavalamentos, falta de paralelismo, palavras vazias, equivocadas. Parece ensinar: "Aprenda a escrever, aprendendo a pensar"! (GARCIA, 1995)

ESTÁGIO 5: A FORMAÇÃO DO HERÓI

Que impulso é esse, de todos os homens em todos os tempos, em direção ao misterioso, ao inexplicável, ao transcendente? Por que queremos tanto acreditar que algo em nós é maior que nós mesmos?

LIÇÕES DO HIEROFANTE

Talvez as duas criaturas façam ao poderoso Guia a pergunta de todos nós: de onde viemos, para onde vamos? A lei do Hierofante é a da Inspiração, do Sopro Divino, seu verbo é conciliar. O Pontífice – o construtor de pontes – promove a união, harmoniza os opostos. Partilha do divino e do humano: o homem pertence ao tempo, mas é, em essência, imortal. O Hierofante anuncia e abençoa todas as uniões: entre os homens, entre os diferentes países, etnias, classes sociais. Faz a ponte entre a consciência e o instinto, a teoria e a prática, nosso interior e nosso exterior. Infunde-nos valores éticos. Aponta-nos o caminho da libertação: o desenvolvimento da consciência e do conhecimento, para encontrarmos nossas verdades, assumir a responsabilidade por nossa evolução. O Papa preside os rituais da nossa formação, nos ensina a viver em comunhão com os companheiros das comunidades a que pertencemos. O número 5 representa a quinta-essência, a substância etérea, imaterial, sutil de que se constituem os céus e os corpos celestes. Representa o pentagrama, símbolo do homem, que é também a Estrela da Revelação, a que guiou os Magos até o Menino.

GÊNEROS DO DISCURSO

Não estamos desamparados. Temos a quem confiar o desenvolvimento de nossa consciência, de nossa espiritualidade, de nossos valores éticos. Temos quem nos guie na busca do conhecimento e da verdade. O Hierofante é o representante maior das instituições, o promulgador e guardião dos sistemas de valores coletivos. É ele quem preside os ritos a que nossos textos de trabalho devem se conformar para estarem adequados às situações sociais e comunicativas de que participam, para serem relevantes, pertinentes e, assim, aceitos pelas pessoas ou grupos aos quais se destinam.

Mikhail Bakhtin, filósofo russo, verdadeiro Papa, propôs a palavra como símbolo ideológico por excelência, transcendendo a visão de língua como sistema. Mostrou que aprender a falar/escrever é aprender a estruturar enunciados. É reconhecer e praticar os gêneros do discurso relevantes para as comunidades discursivas de que fazemos parte, identificando-nos com seus membros, buscando orientação dos mais sábios.

LEITORES E EXAMINADORES

Até esse ponto do percurso do texto, empenhamo-nos em buscar o que pudesse agregar valor para a vida e para o trabalho dos leitores que elegemos. O Hierofante vem agora nos lembrar de que o texto da tese ou dissertação terá outros leitores: os membros da banca examinadora. Eles vão avaliar, sobretudo, se o candidato faz jus ao grau de mestre/doutor. Para tanto, verificarão o rigor metodológico da pesquisa, a abrangência da revisão bibliográfica, a relevância das contribuições para a área de conhecimento, a adequação e suficiência das citações etc. Este é o desafio: fazer um texto que seja atraente para nossos leitores e, também, que atenda às exigências dos examinadores.

REPENSANDO O DISCURSO ACADÊMICO

Bakhtin (1997) aponta três elementos que caracterizam os gêneros do discurso: conteúdo temático, composição e estilo. Como exemplo, tomemos uma receita de bolo, gênero do discurso familiar. O conteúdo temático é naturalmente relacionado à culinária. A estrutura tem dois blocos distintos: a lista dos itens com quantidades (preparação para a feitura do bolo) e o modo de preparo, que ensina como combinar, misturar, cozinhar os ingredientes, num passo a passo das ações a serem realizadas. Os ingredientes são apresentados em listagem de itens nominais, e o modo de preparo, em frases imperativas articuladas sequencialmente.

Mas é preciso lembrar que Bakhtin conceitua gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados, de modo que a estrutura composicional não se confunde com forma fixa. O gênero receita, com que exemplifiquei esse tópico, facilita a compreensão do que é estrutura composicional, por não comportar variações consideráveis.

Mesmo não sendo possível apresentar "receita de bolo" para os gêneros que aqui nos interessam particularmente, podemos apontar elementos que os caracterizam. A aceitabilidade de uma dissertação/tese ou de um artigo por parte da comunidade acadêmica pode ser relacionada aos elementos caracterizadores do gênero do discurso – conteúdo temático, composição e estilo. O leitor tem expectativas a respeito do tema do texto, da perspectiva em que esse tema é trabalhado, do grau de aprofundamento dos subtemas. A adequação do arcabouço conceitual e das escolhas metodológicas a essas expectativas é também fator essencial para que um texto tenha boa aceitação. Em relação à estrutura composicional, as universidades, os centros de pesquisa e os editores de revistas científicas costumam oferecer instruções ou manuais com as normas a serem observadas na composição desses textos: os elementos pré-textuais, os componentes do corpo do texto, os elementos pós-textuais. Recurso relacionado à informatividade dos textos acadêmicos é a utilização de

figuras, tabelas e quadros, assim como de notas, anexos e apêndices, glossários, índices; aliás, todos submetidos a normas da ABNT.

No que concerne ao estilo, de que falaremos adiante, há uma exigência de inegável valor e utilidade, embora nem sempre cumprida: os textos do discurso acadêmico devem ser escritos na variante culta e formal da língua portuguesa.

A intertextualidade é uma característica particularmente importante nos textos do discurso acadêmico. Sabemos que todo texto provém de outros textos. Mas, na academia e nos centros de pesquisa, os textos obrigatoriamente "conversam" com outros da mesma área e de áreas afins. Por isso, nos gêneros do discurso de que aqui tratamos, a revisão bibliográfica é imperativa. Ora, a ética do Hierofante exige que a intertextualidade seja explicitada por meio de referências aos autores cujas vozes trazemos para nossos textos: dar conta do quem-diz-o-quê nesse coro é uma arte e uma necessidade. A explicitação da presença de outras vozes, que não a do autor, se faz com citações, notas, referências. É preciso conhecer as normas editoriais que regem cada texto que escrevemos: o sistema de chamada – geralmente autor-data –, a maneira de apresentar as referências bibliográficas, de utilizar figuras e tabelas etc.

ESTÁGIO 6: O LIVRE-ARBÍTRIO

"Se, em um dia de tristezas, você tiver de escolher entre o mundo e o amor, escolha o amor, e com ele conquiste o mundo". (Albert Einstein)

LIÇÕES DO ENAMORADO

Nosso herói agora surge como gente, entre gente como nós. A mulher da esquerda, mais velha, é a mãe, que o domina; a da direita, representante do amor e do novo, pretende ganhá-lo pelo coração. No alto, um pequeno deus trama um desfecho: o jovem decidirá cortar o cordão umbilical, abandonar a casa dos pais, buscar seu próprio caminho. A situação é conhecida: a encruzilhada e a escolha. Aliás, decidir é seu verbo, e sua lei, o Livre-Arbítrio. Pela primeira vez, ele enfrenta a dúvida, está em conflito. Para os antigos alquimistas, o conflito é a *prima materia*: sem enfrentá-lo não há crescimento. Escolher não escolher seria ficar engessado entre as duas mulheres que o disputam. Ao se decidir por uma, deixará para trás boa parte de si mesmo. Mas estará firme no rumo de sua individuação. Ao escolher a experiência desconhecida, desafiante, o Enamorado deixa para trás a confortável

zona do já conhecido, o cômodo caminho das repetições. Fez jus ao pleno uso do livre-arbítrio. É dono e senhor de seus desejos. E responde por eles.

A DÚVIDA E O CONFLITO

No processo da produção de textos, podemos assim traduzir esse conflito: a mulher do lado esquerdo representa o texto conservador, cioso da "neutralidade científica", que não se importa com o prazer na leitura, ao qual (que jeito!) nos acostumamos. Do lado direito, a moça loura representa o texto aberto para o novo, refletindo o cuidado do autor com o parceiro-leitor, o prazer de comunicar.

Ora, apesar de a neutralidade científica ser um mito há muito enterrado, ainda convivemos com dogmas como o de que o autor não pode aparecer em seu texto como sujeito enunciador. Mas, a bem da eficácia comunicativa, o que devemos buscar é ganhar a atenção – e o coração – do leitor. Ao passar pelo Hierofante, já conformamos nosso texto ao gênero tese/dissertação ou artigo no que se relaciona ao conteúdo temático e à estrutura composicional. Agora temos de pensar em questões de estilo.

ESTILO E ELEGÂNCIA NO TEXTO ACADÊMICO

Harmonia, proporção, equilíbrio são qualidades atribuíveis à estrutura global do texto acadêmico. O desenvolvimento das partes deve ser proporcional à importância do tema ou subtemas para o texto e para o leitor. Nenhum item pode ser excessivamente conciso ou demasiado prolixo. Há que haver equilíbrio na argumentação, nas justificativas, na exposição de conteúdos.

Mas uma dúvida persiste: Posso ou não posso escrever meu texto em primeira pessoa? Os artigos e manuais, em geral, ordenam: Use a terceira pessoa – e mais adequado seria dizer a indeterminação. Em outras palavras: Fuja, sujeito: o autor não deve aparecer em seu texto! Fica então proibido escrever "eu acho", "eu acredito", "nós supomos". No entanto, tudo bem com "acredita-se", fórmula que transfere a crença do enunciador para o geral das criaturas. De fato, quando uma pessoa se assume como enunciador de seu texto, não tem mesmo que ficar avisando "eu acho/penso que". Até porque, se for outro o que acha ou pensa, é mandatório que isso seja sinalizado, com a explicitação do autor e/ou com referência bibliográfica.

O fato é que, quando regras editoriais obrigam o enunciador a se "esconder", é preciso muito cuidado com os problemas de regência, concordância, de construção frasal que costumam decorrer do uso dos principais recursos de indeterminação ou ocultação do sujeito enunciador, como voz passiva, nominalizações, personificações.

Ocorre que o sujeito enunciador, em vez de fugir, também pode – e deve – se posicionar. Nossa língua nos oferece amplo leque de recursos linguísticos para transmitir ao leitor nosso grau de certeza em relação às afirmações que fazemos, nossa maior ou menor adesão às ideias dos autores cujas vozes trazemos para o texto. No entanto, muitas vezes, mesmo sem reparar, deixamos janelas abertas que dão a entender significados que, conscientemente, não pretendíamos transmitir. Usamos modalizadores como "muletas", ferindo a credibilidade do nosso texto perante o leitor: "*Creio que é seguro afirmar que a eficiência do Instituto cresce a cada dia*". Será mesmo? As modalizações devem ser usadas quando de fato temos a intenção de modalizar. Expressões como "sem dúvida", "vale dizer", "cumpre afirmar" são sérias candidatas a ser dispensadas para se ganhar mais elegância no estilo e a credibilidade do leitor.

A elegância de um texto é fruto, sobretudo, de cuidados. Cuidados de artesão, que ama o que faz: não é por acaso que estamos no estágio do Enamorado. Devemos prestar atenção aos elos coesivos, aos modalizadores, à transparência sintática das frases, precisamos eliminar ambiguidades, saltos lógicos. Com a obstinação de um artesão, devemos buscar imperfeições no uso das palavras – excessos, inadequações, repetições, construções perifrásticas, pleonasmos etc.

Na verdade, a base e condição do bom estilo é a clareza. Com quebras de paralelismo, frases truncadas, ligações mal feitas, pontuação caótica, não há artesanato que dê jeito!

ESTÁGIO 7: A VIAGEM

É hora de partir. As principais decisões foram tomadas, o embornal tem quase tudo o que precisamos na viagem. Coisa ou outra que faltar, será providenciada ao longo do caminho. O que importa mesmo é a consciência de que a hora é esta.

LIÇÕES DO CARRO

Nosso herói já inicia sua viagem com jeito de vitorioso. Não está mais preso numa encruzilhada, com o destino sendo tramado à sua revelia. Enfim, toma as rédeas de sua vida... Mas reparem: não há rédeas! Mesmo assim ele tem pleno domínio dos animais e da situação e segue com autoconfiança, gosto pela aventura, flexibilidade para conciliar, coragem e disposição, além de muito prazer no empreendimento de se autodescobrir. O triunfo está à vista, mas não virá de mão beijada: as rodas do carro diferentes, desalinhadas em relação ao caminho, exigem do condutor muito equilíbrio externo e interno. Os cavalos, também forças

divergentes, respondem ao poder mental do condutor, que sabe quando se deve valer da energia física, simbolizada pelo vermelho, ou da azul, símbolo da espiritual. O número 7 tem forte sentido de completude: foram 7 os dias da criação do mundo; o processo de que resulta o ouro alquímico tem 7 estágios, com 7 metais, sob a influência de 7 planetas. A lista é enorme: sacramentos, chacras, mares, ventos, notas musicais etc.

CONDIÇÕES DE TRABALHO

Não raro o texto que temos de escrever parece mais um carro fugindo de nós. Achamos, então, que nunca vamos ter a energia do jovem da carta 7. Nada grave, mas é preciso refletir sobre isso, pois, no geral, somos nós que estamos fugindo dos riscos que percebemos na tarefa de trabalho. É bom acordar nosso Louco e nosso Mago...

A produção do texto – que para nós é trabalho – exige atenção às condições físicas, temporais e organizacionais em que vamos realizá-la. Escrever exige alto grau de concentração, o que a maioria das pessoas não consegue num ambiente de entra e sai, com pessoas conversando, telefones tocando, ruídos diversos, excesso de calor ou de frio. Precisamos observar o que impede nossa concentração e encontrar estratégias de isolamento. Devemos nos munir de todo o material de que vamos necessitar: para isso trouxemos para a viagem o embornal repleto de itens já escritos, parágrafos bem adiantados, figuras, tabelas, trechos para citações etc. É fundamental também dimensionar tempo para a tarefa: certamente já conhecer nossos ritmos – de quanto precisamos para entrar na atividade de escrever, para permanecer nela sem fadiga.

Para a atividade redacional não se pode dizer que faltem prescrições: são muitos os bons livros e os manuais detalhados que tratam do que deve ser feito para se elaborar um bom texto. E, mesmo assim, constata-se uma "epidemia" de problemas, tanto nos textos acadêmicos quanto nos empresariais. O que não funciona, então? É bem possível que a raiz desse problema esteja mesmo na pouca familiaridade do trabalhador-redator com os gêneros do discurso inerentes a suas atividades profissionais.

POR ONDE COMEÇAR A VIAGEM?

Dar a partida costuma ser difícil. Mas podemos revisitar roteiros feitos no estágio do Imperador, aprimorando-os, sem esquecer as lições do Mago, de dar visibilidade para o que mais pode interessar ao leitor. Sobretudo, não podemos parar em emboscadas. Das respostas à Série de perguntas – é uma ideia –, escolhemos uma para início, e vamos em frente! O embornal pode também conter um resumo interessante,

que pode ser melhorado e expandido. A hora é de seguir em frente, deixar o Carro andar, assumir sua condução e pedir trégua ao senso crítico: só andar para trás se for imprescindível para o avanço. Algumas paradas serão necessárias, como em outras viagens: é parte do processo a tarefa de reler o texto com olhos de leitor crítico.

Para melhor resultado, precisamos de um tempo para descansar de nosso texto – e ele de nós. A revisão deve constituir-se numa leitura muito atenta, feita em voz alta (é preciso mesmo que seja em voz alta!) para que possamos perceber problemas de pontuação, incorreções de concordância e regência, quebras na construção de frases, falhas nos elos coesivos, repetições, ecos, aliterações, problemas de ritmo ou prosódia.

Como costuma acontecer com todas as nossas tarefas, também a produção e a revisão têm de ter um ponto final. Sem aflição: ponto final, no texto, é quase um troféu. A sorte está lançada. E será uma boa sorte, nos segreda o Carro!

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico:** o que é, como se faz. 20ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1979].

CAMPOS, Cesar; HOLANDA, Claudia; LUSTOSA, Martha (Org.). **A aventura de escrever II**. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso.** São Paulo: Contexto/Edusp, 1989.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **Técnica de redação:** o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. Aprenda a escrever, aprendendo a pensar. Rio de Janeiro: FGV, 1995.

Data de submissão: out./2014.
Data de aprovação: dez./2014.